

O PRÓPRIO UMBIGO

Rachel Jardim

Um dos grandes jornais do país publicou na coluna de conhecido articulista o seguinte comentário: as escritoras brasileiras escrevem, invariavelmente, sobre seu próprio umbigo, o que as torna, sem sombra de dúvida, menores.

A esse comentário, verdadeiro ou não, cumpre acrescentar que o próprio umbigo é um tema literário irresistivelmente estimulante. O comentarista em questão se valeu dele em sua pequena obra literária, explorando-o, infelizmente, menos do que se poderia esperar do seu talento, de sua experiência e cultura.

Umbigo é um indispensável ponto de referência. O escritor mais representativo de nosso tempo, aquele que revolucionou a concepção do fazer literário, partiu dele para construir sua obra monumental, definida por ele, como uma *catedral gótica* e como um *vestido*.

Estilo catedral e estilo vestido parecem ser incompatíveis, mas há, nesta frase, absoluta coerência.

Um de seus personagens, justamente o escritor, morre diante da pequena mancha amarela de um quadro, cuja perfeição o perturba a ponto de provocar nele um achaque mortal. Seria o autor desse romance uma mulher falando na primeira pessoa, preocupada com detalhes insignificantes de sua própria vida, enrolada nas malhas de seu cordão umbilical?

Se, à maneira de tantas escritoras que assinavam seus textos com nomes masculinos, este autor tivesse adotado um pseudônimo feminino e, com ele passasse à posteridade, quem sabe não fosse considerado pelos seus próceres como um exemplo de escrita feminina? Marcel Proust tinha especial predileção pelos escritores ligados ao seu próprio umbigo e muito aprendeu com Saint-Simon, cujo olho-umbigo revelou seu tempo e seu mundo com extraordinária acuidade. Tolstoi com seu estilo inequivocamente masculino também não resistiu ao chamado do próprio eu, escrevendo algumas das memórias mais pessoais da literatura universal. Podíamos elaborar uma enorme lista de escritores que, em torno do umbigo, fizeram a volta ao mundo. Isso para falar apenas em prosa já que, em poesia, tudo o que de melhor se escreveu, foi mesmo na primeira pessoa do singular.

Carlos Drummond de Andrade, que proibia fazer versos sobre acontecimentos, debruçou-se exaustivamente sobre si mesmo, estabelecendo um eu universal e mineiro, no qual toda uma geração se viu incluída. Para melhor explorar seu umbigo, Fernando Pessoa inventou quatro heterônimos.

Não conheço muitas prosadoras brasileiras debruçadas sobre o próprio eu. Temos apenas um livro clássico de memórias juvenis escrito por mulher: *Minha Vida de Menina*, de Helena Morley. Nossa literatura feminina é recente e Clarice Lispector praticamente a inaugura. À maneira de Proust, libertou-a de todas as convenções, instilando nela uma liberdade até então desconhecida. Seu eu, que percorre despidoradamente sua obra é estilizado em mil pedaços concêntricos, voltando depois do lugar de partida — o umbigo. A revolução feita por Clarice na literatura brasileira não foi igualada pela obra de nenhum outro escritor. Diante dela, Oswald e Mário de Andrade são dois pequenos iconoclastas burgueses. Clarice liberou o eu-estilo, lançando-o ao alto com a afoiteza de um discóbolo.

Reconheço que, depois dela, muitas sub-Clarices, constituindo uma verdadeira praga, apareceram, mas isto era inevitável. Muitos sub-Rubens Fonsecas também apareceram inclusive, às vezes, ele próprio. São ambas, as duas vertentes (opostas) mais importantes da moderna literatura brasileira. Rubem Fonseca maneja a literatura do anti-eu com grande maestria e vigilância. Essa não é, certamente, a principal qualidade de seus textos. Mas por ser um escritor tão contundentemente masculino, muitas escritoras brasileiras, antes de publicarem seus livros, mostram-lhe os originais, recebendo dele um aval do qual muito se orgulham, difundindo-o em prosa e verso... Ser ou não ser Rubem Fonseca, eis a questão.

Escritoras ligadas ao seu próprio umbigo não têm aparecido ultimamente, o que é de se lamentar, pois, esta pequena protuberância vem sendo mola propulsora de ótima literatura. Bom memorialismo masculino tem surgido sim, o que é muito positivo; um livro de memórias, mesmo não sendo de excepcional qualidade, dá melhor a conhecer sua época, do que teses de mestrado e doutorado, nas quais não é permitido ao eu, aparecer. Seus autores são privados do prazer de falar na primeira pessoa, o que os obriga a praticar verdadeiras ginásticas mentais para desenvolver seus temas impessoais.

Sou de opinião que as mulheres não devem ter nenhum pudor de se debruçarem sobre o seu próprio umbigo, livres de interpretações freudianas ou de quaisquer outras justificativas. A partir do seu próprio eu, Bach produziu suas fugas. É possível caminhar muito longe partindo do próprio umbigo...